

ENTRE O RURAL E O URBANO: OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELAS CRIANÇAS EM UM BAIRRO PERIFÉRICO DE JOÃO PESSOA (PB)

Karla Jeniffer Rodrigues de Mendonça¹

Flávia Ferreira Pires²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar e refletir como os caminhos entre o espaço urbano e rural na comunidade de Gramame, localizada na região sul da capital paraibana, são percorridos e apreendidos pelas crianças ao longo do deslocamento à pé de suas residências até a Escola Viva Olho do Tempo (EVOT) -, instituição em que participam de atividades educacionais no contraturno da escola regular. Neste movimento, destacam-se como os caminhos ganham vida e são transformados pelas ações das crianças nas ruas esburacadas que as levam à EVOT, emergindo o que elas entendem a respeito do bairro onde moram diante das abruptas transformações que assistem em relação ao meio ambiente em urbanização acelerada. Diante disso, revelaram-se memórias e vivências no/do bairro em seus diversos elementos, os quais foram (re) significados pelas crianças a partir de diálogos e de outras ações as quais se envolveram. Por fim, traça-se um balanço de como os caminhos entre o urbano, no qual as crianças residem, e o rural, em que a EVOT se situa, provocam aprendizagens e (re) criam ações envolvidas em múltiplos sentidos e sensações.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Caminhos; Rural; Urbano; Cidade; João Pessoa (PB).

¹ Mestre em Sociologia pela UFPB, especialista em Educação Especial pelas Faculdades Bagozzi – PR, com Licenciatura em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Membro do grupo de pesquisas Crianças, Sociedade e Cultura (CRIAS) da UFPB desde 2016. E-mail: karla-pessoa@hotmail.com

² Professora da Pós-Graduação em Sociologia e da Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. É líder do grupo de pesquisas Crianças, Sociedade e Cultura (CRIAS). E-mail: ffp23279@gmail.com.

As duas autoras participaram da concepção teórica e da escrita do artigo, mas apenas a primeira autora fez trabalho de campo e, por isso, optou-se pela redação em primeira pessoa do singular.

BETWEEN THE RURAL AND THE URBAN: THE ROADS PERCUSED BY CHILDREN IN A PERIPHERAL DISTRICT OF JOÃO PESSOA (PB)

ABSTRACT: The objective of this article is to present how the paths between urban and rural spaces in the community of Gramame, located in the southern region of the capital of Paraíba, João Pessoa, are undertaken and understood by the children along their walks to the Escola Viva Olho do Tempo (EVOT), institution in which they participate in educational activities in the counter shift of the regular school. In this movement they stand out as the paths come alive and are transformed by the actions of the children in the bumpy streets that take them to the EVOT, emerging what they understand about the neighborhood where they live in front of the abrupt transformations due to environmental changes and accelerated urbanization. Finally, is drawn an analyse of how these paths between the urban in which the children reside, and the rural in which the EVOT is situated, provoke learning and (re) create actions involved in multiple senses and sensations that take them on these walks between contexts.

KEYWORDS: Children; Paths; Rural; Urban; City; João Pessoa (PB).

PRIMEIROS CAMINHOS

Este artigo desenvolve-se a partir de percepções e análises que surgiram junto às percepções das crianças em relação a suas locomoções no bairro de Gramame em João Pessoa- PB, revelando seus deslocamentos cotidianos do urbano, no qual residem, em direção ao rural no qual se situa a EVOT. Desta forma, percorro uma trajetória reflexiva que pôde emergir em meio as suas memórias, vivências e experiências no reconhecimento dos elementos naturais e o todo em transformação, ao longo do caminho entre as comunidades e no bairro de modo geral. Destaco como estas questões são percebidas e entendidas pelas crianças em suas caminhadas e ações junto aos ambientes em que se movimentam.

Para isso, início com a apresentação do contexto e como as caminhadas das crianças são vivenciadas, trazendo os movimentos entre as suas casas e a instituição educacional EVOT. Enfatizo, em seguida,

as percepções relacionadas ao bairro que, para as crianças, revelaram-se como elementos característicos do ambiente e como em suas experiências coletivas no ambiente se relacionavam, aprendiam e o (re) significavam; continuo este percurso com as percepções das crianças a respeito de como o bairro é vivenciado e ocupado por elas. Por fim, reflito naquele momento e espaço, como pude compreender os movimentos e os sentidos que emergiram a partir das crianças em suas reflexões coletivas sobre o cotidiano no bairro.

CONHECENDO O CAMINHO

Conheci os caminhos do bairro de Gramame, localizado na região sul de João Pessoa – PB, em função da minha pesquisa de dissertação em 2017 (MENDONÇA, 2018), a qual tinha como foco as crianças que vivenciavam performances musicais na EVOT. As conheci certo dia em sua apresentação como grupo “Tambores do Tempo” (grupo de percussão da escola), na praça de uma das comunidades do bairro, eu estava lá porque também participava do evento por fazer parte de um grupo de maracatu. Naquele momento percebi um ambiente com uma grande quantidade de loteamentos e territórios tomados por casas populares e condomínios que brigavam com os espaços verdes e as estradas de terra.

Ao procurar conhecer de qual contexto aquelas crianças batuqueiras faziam parte, me empenhei na busca do ambiente em que emergiam aqueles conhecimentos relacionados à percussão. Essa curiosidade foi o que me encaminhou à EVOT.

Resumidamente, a escola oferece no contraturno escolar a uma média de 120 crianças, com atividades referentes à cultura local, ao meio ambiente e às tecnologias, baseando-se nas pedagogias griô, holística e da educação popular³. Foi fundada por Mestra Doci e conta com educadores que compartilham e interagem em ações coletivas políticas, artísticas e sociais com as crianças, buscando, no reconhecimento de pertencimento local,

³ Sobre a proposta pedagógica da Escola Viva Olho do Tempo, ver Souza (2014) e Tolentino (2016).

promover a revitalização cultural e ambiental do contexto. Sua proposta socioeducacional compreende integrar a comunidade na ação coletiva de transformar e valorizar o meio, o qual se configura economicamente e socialmente desfavorável. O trabalho com as crianças se fundamenta nesse engajamento através das ações educacionais pensando em tempos presentes e futuros.

No trajeto para chegar à EVOT, encontrei uma estrada em linha reta que me levou ao encontro de animais, forasteiros, moradores caminhando e se locomovendo em suas bicicletas, motos e alguns carros. Meu caminho me apresentou muitas surpresas em relação ao ambiente, emergiu como um trajeto tingido de cores em tons de verdes e marrons ao exibir uma região rural dentro da capital paraibana que conta ainda com sítios e muita mata.

O bairro de Gramame revelou-se um emaranhado diversificado, apresentando, por outro lado, uma vasta área desmatada, transformada em vias de trânsito com algumas ruas principais asfaltadas e muitas outras ainda precárias, por onde passavam, inclusive, ônibus. Muitos de seus terrenos já são ocupados por pequenos prédios, casas populares e até barracos humildes. O bairro se configura entre terrenos loteados, lugares descampados e vazios, contornados por grandes muros e cercas.

Retrata-se como um ambiente em transformação acelerada, sua paisagem fornece uma diversidade de combinações e encontros entre o urbano e o rural que podem ser percebidos ao caminhar por suas ruas, visibilizando que “é a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares [...]” (MAGNANI, 2003, p. 2).

Assim, no processo de compreender o ambiente no qual eu estava fazendo parte por conta do trabalho de investigação, encontrei nas crianças, em suas conversas, brincadeiras e memórias, a maior fonte para que eu me situasse no contexto e as compreendesse em seus movimentos coletivos dentro dele e com ele. O contexto comunitário do bairro de Gramame e seus caminhos foram apresentados pelas crianças na EVOT como um conhecimento vivido a ser contado à “novata” que ali chegava,

pois as crianças a partir de minhas perguntas, realizadas em algumas rodas de diálogos, perceberam que eu procurava entender as suas histórias e trajetórias nas comunidades do bairro em que se deslocavam e moravam.

Ademais, contar sobre suas caminhadas em conversas descontraídas era o assunto que rondavam suas chegadas e saídas da EVOT, assunto que também fazia parte de suas rodas de conversa nos momentos livres, no lanche e em brincadeiras organizadas em pequenos grupos pelas crianças nos ambientes abertos da instituição. Ao procurar me inserir nestas relações, pude observar que dentro delas as crianças se envolviam ativamente no compartilhamento de suas vivências e assim se identificavam com as experiências a partir do que ouviam, falavam, observavam e refletiam coletivamente.

A curiosidade e a falta de conhecimento do bairro de minha parte foi o que promoveu os (re) conhecimentos coletivos deste/no contexto. Portanto, essa pesquisa se desenvolveu a partir da observação participante, ou seja, no engajamento com as crianças em suas experiências dialógicas enquanto grupo que caminha e vive junto no bairro, abrangendo em destaque seus caminhos vividos entre o urbano e o rural. Trata-se de um processo colaborativo para o nascimento de uma pesquisa etnográfica com crianças, em suas relações cotidianas no contexto educacional e no caminho até ele.

Durante a pesquisa convivi com um número de 60 crianças com idades que variavam entre 5 a 17 anos. Para o envolvimento nesta pesquisa, valorizou-se de ambas as partes (pesquisadora e crianças), a espontaneidade e a voluntariedade em relação às conversas em torno do tema, atentando aos momentos em que as crianças se encontravam misturadas pelos espaços abertos como na rua da escola e nos ambientes da instituição ricos em sua diversidade e movimento, dentre os quais destaco os cantos embaixo das árvores, nos bancos do refeitório, na trilha na mata e no amplo Teatro Acácia. As crianças ocupavam esses ambientes com rodas de conversas, brincadeiras, correrias, desenhos e até mesmo com suas músicas cantadas e tocadas.

A partir desta matriz de movimento compreendida nas narrativas das crianças, em suas histórias e experiências preservadas e (re) significadas

pelas suas memórias, foram reconhecidos os seus conhecimentos como habitantes nativos da região onde moram e como se desenrolavam os diálogos entre o urbano e o rural em suas vidas. Atentou-se aos modos de como os movimentos entre os ambientes emergem no sentir os caminhos e perceber os seus arredores, afinal “é o conhecimento da região, e com ela a capacidade de situar a posição atual dentro do contexto histórico das jornadas anteriormente realizadas - viagens para, de e para dentro de lugares – que se distingue o compatriota do estrangeiro.”⁴ (INGOLD, 2000, p. 219, tradução nossa).

O sentido aqui produzido com as crianças se refere às suas caminhadas ao vagarem pelas ruas do bairro do Gramame, que ao apresentá-lo ao longo de suas contações, seus entendimentos e sentidos emergiram como movimentos criativos a partir das experiências vivenciadas em grupo. Suas ações foram (re) significadas na atividade do contar, podendo-se dizer que em cada narrativa mapearam mentalmente caminhos, relações e despertaram aprendizagens coletivas na procura de encontrar sentido no que se foi feito e dito, por si próprio e pelo outro, ao saírem do asfalto e pisarem na estrada de terra, como um “produto de uma ação conjunta de pensamento, sentimento, percepção, intuição e sensação.” (MACHADO, 2015, p. 55).

NO CAMINHO COM AS CRIANÇAS

Lucia Rabelo de Castro (2013) e seu grupo de pesquisa através de ação metodológica intitulada Oficina da Cidade - que percorreu escolas, associações de moradores e outros locais frequentados por crianças e jovens - desenvolveu rodas de conversa para que fossem reveladas as experiências na cidade do Rio de Janeiro. A autora observou que as conversas, como uma atividade coletiva, contribuíram para uma melhor compreensão de mundo, ao passo que cada “experiência vivida e/ou ouvida pela criança ao transitar pela cidade, ela [a criança] se depara com as diferenças e

⁴ “It is the knowledge of the region, and with it the ability to situate one’s current position within the historical context of journeys previously made – journeys to, from and around places – that distinguishes the countryman from the stranger.” (INGOLD, 2000, p. 219).

desigualdades cujo testemunho conduz a maneiras diferentes de justificá-las” (CASTRO, 2013, p. 149). Compartilhando esta experiência com os outros, no próprio ambiente de que se está imaginando e contando, “o que é próprio e sensitivo alcança o domínio do que é coletivamente nomeado e compreendido” (CASTRO, 2013, p. 149).

Pude também observar esse contexto com as crianças na EVOT. Para explicar sobre a divisão simbólica do bairro as crianças contaram que “quase todo mundo” que vai à instituição reside em diferentes comunidades, inclusive alguns dos educadores. Inicialmente fiquei sem entender, pois eram muitas as localidades que as crianças indicavam morar e para mim tudo ali era um só bairro, não tinha pesquisado seu contexto geográfico de antemão. O entendimento foi proporcionado a partir da explicação compartilhada pelas crianças coletivamente de que “Gramame é um grande bairro e tem várias comunidades nele... como também tem a comunidade de Gramame” (parte em urbanização, mas ainda bastante rural, sendo onde a comunidade EVOT se encontrava), “também tem o Colinas I e II e o Gerva” (isto é o Colinas do Sul I e II e o Gervásio Maia), áreas especificamente urbanas e de muitos loteamentos, que incluem ainda o Conjunto Marinês, Portal da Colina, Irmã Dulce e a ocupação irregular conhecida como Capadócia.

Pesquisas retratam que o bairro está inserido dentro do Vale do Gramame na cidade de João Pessoa-PB até os limites do município vizinho Conde- PB. É caracterizado por uma região que se mistura e se transforma entre o rural e o urbano (Gramame, Engenho Velho e Ponta de Gramame), e que também apresenta uma região quilombola e indígena conhecida como Mítuaçú, já localizada no limite administrativo com o município do Conde. O Vale do Gramame trata-se de uma extensa área territorial com cerca de aproximadamente 14 km e conta com uma população estimada em 24.378 mil pessoas, segundo o Censo Demográfico de 2010 de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

É uma região de periferia em recente crescimento imobiliário de casas populares. O contexto é moldado pela construção de empreendimentos da iniciativa privada e pelo desenvolvimento das políticas habitacionais financiadas pelo poder público na relocação de comunidades de invasão

e de áreas de risco. Famílias oriundas de diferentes bairros da capital e do interior da Paraíba se deslocam para o bairro em busca da casa própria (LIMA, 2014).

Juntamente com a urbanização e os loteamentos, a vulnerabilidade em decorrência das precárias condições sociais de infraestrutura para estas famílias são marcantes nestas comunidades do bairro do Gramame: o seu território contém poucas ruas asfaltadas, poucos ambientes públicos de lazer, e é visível a degradação ambiental que não é acompanhada pelas políticas públicas ambientais com redes adequadas de saneamento e planejamento para mitigar os impactos no meio ambiente, comprometendo assim a saúde da população e da natureza arrancada, a qual dá lugar ao cimento e a poeira. Esse fator é ainda agravado por conta das instalações industriais nas intermediações do rio Gramame que corta a zona rural, o qual era a principal fonte de renda através da pesca de peixes, caranguejo e camarão, além de um local muito desfrutado como lazer pela comunidade (LIMA, 2014; TOLENTINO, 2016).

Sobre o movimento das famílias em busca de moradias no bairro, Paola (8 anos) contou que sua avó (cuidadora dela e dos irmãos) morava em São Paulo em uma casa de papelão e se mudou para João Pessoa. Ela explicou que não mora na mesma casa que a mãe e ela vêm visitá-la com o seu padrasto. Disse que o avô mora também em outro lugar e que vai visitá-la de moto.

No ano desta pesquisa, como relatado no tópico anterior, também houve relatos de que novas moradias seriam entregues para uma média de 192 famílias no recente conjunto habitacional “Vista Alegre”. Segundo uma reportagem⁵ sobre o evento de entrega, realizado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, o lugar contaria com 2016 unidades habitacionais e abrigaria uma população superior à soma de 113 municípios paraibanos. O conjunto habitacional seria dividido em 11 condomínios, com 63 blocos e uma média de 32 unidades por prédio. Além disso, de acordo com o planejamento da Secretaria Municipal de Habitação, no Residencial seriam construídas duas praças e áreas de lazer (como quadras, campo de

⁵ Reportagem no site: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/luciano-cartaxo-realiza-o-sonho-da-casa-propria-para-mais-192-familias-da-capital/>>. Acesso em 04/08/2017

futebol e ginásios), um ponto de apoio comunitário para a realização de reuniões, festas e comércio, uma escola com capacidade para 900 alunos, um Centro de Referência em Educação Infantil (Crei) e uma Unidade de Saúde da Família (USF). A reportagem descreve que as famílias que seriam beneficiadas eram residentes de áreas de risco e invasões na Rua do Arame, no bairro do Grotão, na antiga ocupação do Dnit⁶ e no bairro de Cruz das Armas -, todos pertencentes à grande João Pessoa.

O grupo das crianças de percussão “Tambores do Tempo” tocou nesse evento de inauguração dos novos apartamentos do Conjunto Bela Vista, e segundo Penhinha (Maria da Penha Teixeira de Souza, educadora social na EVOT) algumas crianças da escola que anteriormente moravam no acampamento Capadócia foram contempladas com um imóvel no conjunto. A educadora contou ainda que as crianças questionaram se moradores do “Capadócia” também deveriam ser nomeados para o conjunto, dando-nos a entender que mesmo em condições sociais difíceis há historicidade e sentimentos atrelados ao lugar em que moravam, se sentindo pertencentes, mas que agora passariam a conhecer e (re) construir um novo.

As crianças demonstraram conhecimento sobre o bairro, pois contavam sobre os seus trajetos na ida ou na volta da escola regular, nos caminhos até à EVOT, por dentro e para fora do bairro, na ida à praia, ao rio, à casa de um amigo ou ao mercadinho na esquina de casa, nas brincadeiras na rua e dentro de casa, emergindo ambientes como fontes de descobertas e transformações à medida que percebem nesses trajetos o que entendem como a sua comunidade ou o seu “pedaço” (MAGNANI, 1998).

Magnani (1998) em sua pesquisa antropológica no contexto urbano da cidade de São Paulo encontrou na categoria nativa “pedaço” o ponto de partida para a sua análise em relação às experiências de lazer dos jovens pela cidade, visibilizando um território demarcado ou constituído por certos tipos de equipamentos e de sociabilidades específicas, entendido como uma modalidade de encontros, de trocas e experiências compartilhadas

⁶ Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes.

por quem ali se faz presente. O termo, de acordo com o autor, designa aquele espaço intermediário “entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.” (MAGNANI, 1998, p. 116).

Os movimentos das crianças pelo bairro e para fora dele revelavam o fluxo escolhido por elas e por seus familiares. Seus pontos de partidas e seus caminhos a serem seguidos de acordo com suas tarefas cotidianas, permitiam que aprendessem neles/com eles sobre o contexto ambiental, social e cultural nos modos como atravessavam e agiam ao longo dele.

Segundo Karol (13 anos) é complicado ficar na praça de noite e não podem ir para a praça da outra comunidade, pois “quem é de Gramame não pode ir para a praça do “Gerva” (Gervásio Maia), tem briga; a comunidade já foi na prefeitura pedir uma praça aqui... em Gramame não tem nada” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017). Acaba que nestas transformações no bairro, os novos espaços antes dominados pelas árvores, transformam-se em terrenos que passaram a ser ocupados pelas crianças que buscam e criam espaços para o lazer e de socialização.

Pelo o que as crianças contaram, há o entendimento de que os caminhos pelo bairro se transformam ininterruptamente, principalmente por aquelas crianças que moram no bairro desde o nascimento. É o caso de Fernanda (15 anos) que frequenta a EVOT há mais de 6 anos, ao relembrar que “era fresco o caminho mas tiraram as árvores, agora até à EVOT mal pisa e a gente fica pingando”. Fernanda e as outras crianças apontaram o fato de que a natureza, à medida que concomitantemente foi ficando escassa pelos caminhos do bairro, a violência e a degradação também aumentou. Luan (17 anos) que também vai à escola há pelo menos 12 anos, acrescenta juntamente com as outras crianças que:

A comunidade não cuida... quer as coisas, mas não cuidam... pensar no hoje e no futuro, virão outras gerações e tudo vai estar destruído...o caminho mudou, já não tem um monte de coisa, tem muito lixo! Refletiu Luan (17 anos): tem assalto!

Acrescentou Everton (11 anos). Quase ninguém preserva o meio do caminho, apontou Karol (13 anos). (DIÁRIO DE CAMPO, março de 2017).

Fora as características ambientais e físicas dos seus trajetos, as situações de violência assistidas nas ruas e nas praças das comunidades também são presentes nas contações das crianças. Apontam e compartilham em grupo, locais de referência no bairro que são evidenciados assaltos e possíveis situações amedrontadoras, numa mistura entre o real e o imaginário por parte do entendimento das crianças e da própria comunidade. Os descampados viraram campinhos de futebol, a rua de terra se refez para andar de bicicleta, apostar corridas e para realizarem descobertas em meio ao mato -, o qual também briga para ocupar o terreno. Em contrapartida, apontaram que é dentro de casa e nas casas dos vizinhos que procuram estar em muitos dos seus momentos de lazer, tendo em vista o perigo que, segundo elas, ronda os ambientes abertos, locais considerados inseguros principalmente por seus familiares que não permitem as saídas de casa em determinados horários. Apesar do medo que sentem e a forma protetiva de seus familiares, as crianças deixam claro a partir de suas narrativas, que isto não as impede de sair e de se aventurarem pelas ruas.

Everton (11 anos) revelou no enredo desta conversa que “tem um homem de touca vermelha atrás do CRAS que pega criança e outro fica no mato esperando passar!”; o grupo prontamente afirmou reconhecer nessa “história real” os modos de como procuram caminhar atentos entre os territórios, pois a atenção é uma habilidade imprescindível para elas que caminham “sozinhas” por ali. Para as crianças, brincar e se locomover pelas ruas “sozinhos” significa se fazerem presentes nos ambientes sem a companhia de um adulto, relatando que isso era possível quando iam à mercearia a pedido da mãe, se juntavam para jogar bola, quando iam à escola regular e para a EVOI, longos caminhos em que se relacionam e convivem mediados pelos seres humanos e não-humanos em um ambiente complexo.

Encontrei certa tarde enquanto voltava para casa, entre os caminhos das comunidades do Colinas do Sul em direção ao bairro do Geisel, Bruno

(13 anos) e Gabriel (12 anos) em suas bicicletas pedalando rapidamente assustados. O professor Marcílio, professor de percussão da EVOT e o qual eu tinha dado carona neste dia, atentou a correria dos meninos. Ao pararmos ao lado deles disseram que tinha um homem correndo com uma faca na mão no meio da rua e que ao perceberem os gritos perceberam que era uma briga, os obrigando a modificar o caminho para casa pelo medo da confusão.

O bairro do Gramame que cresce e se (re) constrói na ordem das ocupações humanas e materiais ao longo de seu território, concomitantemente a comunidade, transforma-se e se apropria simbolicamente do local mediada pelos fatores econômicos e políticos os quais modificam intensamente o contexto natural, social e cultural do bairro, produzindo, assim, uma multiplicidade de “pedaços” nesta região. O bairro entendido em um contexto de “medidas e misturas” (SIMMEL, 2005) é uma região de periferia que se confunde entre o urbano e o rural, e que por conta das intensas transformações, promove experiências e (re) significações através de laços intensos ou provisórios, do emaranhado das socializações, dos movimentos e da constante recriação de cada lugar que as pessoas se fazem presentes, visto que “a cidade suscita aprendizagens tanto individuais, únicas, mas também compartilhadas na experiência urbana” (MÜLLER; NUNES, 2014, p. 666).

Dessa maneira, conceber as crianças como passivas, coexistindo pacificamente apenas como usuária das ruas, do bairro e da cidade, como incapazes de perceberem os contextos em que vivem e invisíveis em suas ações nos ambientes, é desconsiderá-las como agentes participativas nas relações e experiências em comunidade, como se não experienciassem e transformassem os/nos seus caminhos suas aprendizagens baseadas em suas necessidades e maneiras de conviver socialmente. Ao procurar entender seus lugares de convivência e suas caminhadas compreendo que se reconhecem como pertencentes a eles. Afinal, participam e ajudam a emergir o sentido daquele lugar existir, bem como ressalta Castro (2013 p. 160) “reconhecer-se como alguém que faz parte do lugar onde mora significa poder estar aí de maneira que o que se faz conta para tornar aquele lugar o que é”.

A rua, o bairro e a cidade que podem estar aparentemente dados pelas construções e instabilidades urbanas capitalistas, atribuindo aos seus sobreviventes, como reflete Bourdieu ([1930]1996) diferentes posições e disposições sociais geradoras de decisões e escolhas (*habitus*) em relação ao que lhes são estruturalmente imposto. Considero a partir do entendimento das crianças, que os territórios e como os percorrem ao longo de seus caminhos, expressam uma textura que é tecida como uma emaranhada malha complexa de significados, criatividade e ações participativas a partir de seus movimentos por entre os lugares, mesmo que configurados como adultocêntricos, incertos e inseguros.

O movimento, a mobilidade e o fluxo são os elementos constitutivos da sociedade, ou seja, de um contexto socializador, sendo considerações próprias da sociologia da infância por entender que as crianças atravessam lugares, fronteiras e percorrem trajetórias. São movimentos pelos quais aprendem, socializam-se e fazem emergir cada particularidade de vida, portanto, são ao longo deles que as infâncias “acontecem”. Prout (2010) aponta que:

Pessoas cruzam essas fronteiras levando consigo ideias, experiências, ideais, valores e visões (tudo o que forma os discursos) diferentes e conflitantes, assim como recursos materiais diversos [...] Os atores híbridos, pessoas e coisas, que se movimentam em e entre diferentes locais, todos têm um papel na construção daquilo que emerge como “infância”. É preciso retrair esses movimentos para compreendê-los melhor. (PROUT, 2010, p. 744).

As crianças ao contarem sobre suas experiências por entre as ruas das comunidades, e revelam o bairro como um ambiente de múltiplos sentidos, relacionando-o ao coletivo de pessoas, às relações de vizinhança, atividades rotineiras e de lazer -, é assim que também contam sobre suas infâncias. Nas palavras do grupo, a comunidade, a rua e o bairro são os lugares:

Onde se mora, se brinca e vai no mercadinho para a mãe;
É onde tem a escola, a igreja católica e umas evangélicas,
tem o CRAS⁷;
É onde “tem pouco campinho para jogar bola”, tem a rua
onde joga bola e também anda de bicicleta;
Tem praças que se vai brincar e conversar com os amigos,
tem festas na casa dos vizinhos;
É um lugar onde tem muito mato, tem animais e tem o
rio Gramame, mas também tem ruas com buracos, ruas
asfaltadas e de pedras;
Tem brigas e é perigoso!
É onde a gente anda e vive. (DIÁRIO DE CAMPO, abril
de 2017).

Pode-se atentar a partir destas definições, como o ambiente emerge e como é significado a partir dos acontecimentos que se entrelaçam ao longo de suas caminhadas. É como reflete Magnani (2003):

Uma classificação com base em múltiplos eixos não produz tipologias rígidas porque não opera com espaços ou significados unívocos e sim com sistemas de relações: a prática social dos atores, que opera esses sistemas de classificação abrindo-os ou fechando-os é o que mantém e enriquece a diversidade da dinâmica urbana [...]E porque está-se falando não da rua em si, mas de experiência da rua, então é possível também descobrir onde, em meio ao caos urbano, ela se refugiou – já não como espaço de circulação mas enquanto lugar e suporte de sociabilidade. (MAGNANI, 2003, p. 3-4).

Mesmo que diante do senso de que a rua não é lugar para crianças, principalmente aquelas do meio rural, que para elas eram entendidas muitas vezes como “esquisitas” (desertas) – por apresentarem poucas residências e uma extensão em que não se encontrava ninguém – as próprias crianças (re) significavam esses lugares, criando-os e os ocupando

⁷ Centro de Referência de Assistência Social, que se situa na mesma rua a qual a Evot se localiza.

com suas caminhadas, conversas e brincadeiras. Estas ruas se refaziam pela manhã bem cedinho e logo após o almoço, quando por elas passavam caminhando a pé ou em suas bicicletas para a EVOT. De mãos dadas passavam as crianças mais velhas com as crianças mais novas e os amigos mais próximos, enquanto algumas competiam corridas e disputavam quem atingia a maior velocidade em suas bicicletas, desviando de carros, caminhões e carroças, na correria, mas também na contemplação ao pararem para verem a passagem de bois e cavalos. Entre os perigos e as curiosidades, as crianças caminhavam ao longo do trajeto reinventando o cotidiano a cada passo, indo e voltando.

Compartilho a ideia de Lúcia Rabelo de Castro (2013), quando reflete que estas experiências dão o sentido de aventura. A autora se baseia em Simmel (1998) para apontar que neste contexto a vida está em constante conflito e surpresas, a vida na rua deve ser compreendida para ser vivida em um esforço para enfrentar o invisível e o incompreensível. É um desafio que as crianças não negam, pois ao longo do caminho aprendem com ele para poderem agir nele.

Sem o acompanhamento de adultos da família nos caminhos até à EVOT, as crianças acabavam por desafiar os outros olhares e o contexto da vizinhança ao enfrentarem esta aventura cotidiana, se apoiavam uns nos outros durante a caminhada tornando a rua uma vivência rica de acontecimentos que vão sendo (re) descobertos, problematizados e ludicamente resolvidos coletivamente, pois entre discursos e ações as crianças se socializavam e aprendiam a participar nos/dos caminhos.

O QUE GRAMAME TEM PARA AS CRIANÇAS E O QUE AS CRIANÇAS TÊM PARA GRAMAME

Fernanda Müller (2007), em sua tese intitulada “Retratos da Infância na cidade de Porto Alegre”, procura interpretar como as crianças manifestavam e entendiam a cidade que habitavam. Através de uma etnografia mediada por muitas conversas, a autora observou e analisou os desenhos e as fotos realizadas por nove crianças de três bairros diferentes da cidade em interação com outras pessoas no contexto social da família

e do bairro, procurando entre os dados produzidos sobre cada criança e por cada uma delas, convergências e divergências. Müller (2007) aponta que as experiências são demarcadas por memórias positivas e negativas em associação a alguns pontos da cidade, mostra ainda que as relações das crianças com a cidade são mediadas pelos adultos e os ambientes por elas visitados são criados e planejados pelos mesmos, revelando uma visão “específica e fragmentada sobre a infância” (MÜLLER, 2007, p. 167). Porém, ao analisar o material recolhido com as crianças, a autora observou uma diferente percepção sobre a cidade por parte delas:

As crianças demonstram a necessidade de lugares diferentes, ou transformados, daqueles planejados para elas [...] Há de se considerar que dentro dos limites espaciais e temporais impostos pelos adultos, as crianças criam lugares para elas. Podendo ser a rua em frente à casa, os becos, o pátio do condomínio, partes do parque, os lugares criados *pelas* crianças na cidade reafirmam as trocas entre pares, ao mesmo tempo que são tentativas de se fazerem pertencer [...] (MÜLLER, 2007, p. 180).

Com base nisso, pode-se similarmente atentar que as ruas esburacadas até a EVOT são recriadas pelas crianças, por tornarem-na uma longa trilha de sociabilidades e ludicidades orquestradas por suas brincadeiras e histórias compartilhadas, desenrolando um contexto rico de aprendizagens e socializações. Apesar de cotidianamente as crianças terem seu destino traçado e uma intenção de chegada a um determinado ponto, o fato de caminharem com certa liberdade por não estarem em um caminho disciplinado pela presença do adulto, transformava cada ida e volta da EVOT em um caminho imprevisível a ser vivenciado.

Reflico as caminhadas das crianças pelas ruas de Gramame como Ingold (2015) se refere a um labirinto: “sem visão de comando ou vislumbre de um fim”, onde se deve ficar na trilha e sempre alerta em um processo de caminhada que gera conhecimentos quando nele se possibilita ser deixado levar. Segundo Tim Ingold (2013), deve-se estar atento aos sinais sutis

no labirinto, não se chega bruscamente ao fim da linha, pois a intenção é seguir em frente, continuar. Pelo fato das crianças caminharem sozinhas e em grupos à EVOT, escolhem com certa liberdade seus trajetos na rua ou dentro da própria escola, o labirinto aparece como um acontecimento importante no cotidiano do grupo e desta forma também parece ser percebido por eles, pois cada dia é uma novidade, uma expectativa em relação ao que aparecerá ao longo caminho e ao final dele, não só pelas crianças, mas também pelos educadores da EVOT que os esperam e os veem pegar a estrada. Exige-lhes atenção a forma como chegam e como partem.

Para a criança que é encaminhada pelos olhares e ações dos adultos durante os trajetos, esta ação pode não ser possível por conta de seus olhares se manterem distraídos pelos olhares adultos e se encaminharem disciplinados. É como Ingold (2015) se refere ao caminhar por um Dédalo, o qual também compara com uma fila direcionada dentro da escola pela professora para se chegar ao refeitório. Portanto, as crianças não olham, não escutam e não aprendem sobre o contexto a sua volta, dado o mundo fechado proporcionado a partir do objetivo de um fim pré-determinado, pois em um Dédalo os caminhos são confusos e é guiado apenas pela intenção de chegada ao ponto final. No Dédalo não se exige a atenção da mente, pois a trajetória já está pré-estabelecida, a mente trabalha, mas está ausente.

Podemos dizer como bem coloca Jacobs ([1961]2011), que a rua reflete para as crianças uma espécie de encantamento. Pude observar isso ao acompanhar uma parte do trajeto realizado pelas crianças até a EVOT, os sorrisos e os dedos que apontam para diferentes direções não param por nenhum momento, a chegada é recheada de novidades e piadas do que foi vivenciado no trajeto. Esta é a diferença entre o andar disciplinado e controlado por um adulto de mãos dadas com a criança, e uma caminhada em que a criança guia pelas mãos os mais velhos: o caminho pode ser visto, sentido, seguido e vivenciado. É como se para além das imperativas cobranças da vida moderna, as crianças e os adultos em companhia pudessem vagar por entre seus trajetos aproveitando o máximo de sua semântica, conhecendo-o e assim aprendendo a viver nele coletivamente.

Compartilho a noção de que a rua pode proporcionar uma liberdade de vivências e assim aprendizagens entre as crianças e entre as crianças e os adultos, mesmo considerando que em nossa conjuntura a violência e os perigos são eminentes e, por isso, “todo cuidado é pouco”. Sinalizando que “nenhuma pessoa normal pode passar a vida numa redoma, e aí se incluem as crianças [...] Todos precisam usar as ruas” (JACOBS, [1961]2011, p. 34) como um ambiente coletivo de encontros, de sociabilidades e cuidados compartilhados, de modo que viver nela é entendê-la e assim participar da vida em comunidade. Podemos dizer que para as crianças, este encantamento da rua só acontece por que para elas:

Não tem sentido ir a algum lugar formalmente para fazê-las de acordo com um plano formal. Parte do seu atrativo reside na sensação que as acompanha, de liberdade de vagarear para cá e para lá nas calçadas, situação diferente de estar fechado dentro de um espaço. (JACOBS, [1961]2011, p. 66).

O trajeto para a EVOT é realizado formando grandes grupos de 6 a 9 crianças durante o caminho, por vezes também são formados trios e duplas que andavam atrás, na frente ou entre os grupos maiores. Ao tentaram me explicar a distância que percorriam até a EVOT, contaram que para alguns é mais longe e para outros nem tanto. São trajetos percorridos cantando, brincando, correndo, subindo e descendo os “morrinhos” entre os buracos da estrada.

As crianças que moram mais distantes, segundo elas, são os irmãos Vitor (9 anos) e Antônio (10 anos), que percorrem o caminho de bicicleta do bairro do Grotão (fora de Gramame) até à EVOT. Contaram em poucas e tímidas palavras que passam por uma ladeira, casas e a praça que jogam bola, as outras crianças enquanto ouviam também iam complementando o trajeto: “tem a praça, tem o Antenor (Escola municipal do bairro), tem o CRAS, tem a igreja, daí anda, anda, tem muito buraco, as casas e os sítios, vem até chegar na EVOT” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017).

Vitor e Antônio, eram recém-chegados na EVOT quando os conheci, perguntei a eles se algum adulto os acompanhava ao longo do

trajeto e Vitor afirmou que não. Atentou que vem com o irmão e não tem medo de vir “sozinho” para a EVOT, dando a entender que um cuida do outro no trajeto e dispensam o medo. Após alguns dias de chuva do inverno pessoense, tive que dar uma grande volta para conseguir chegar à escola por conta dos caminhos estarem intransitáveis com muito barro e grandes buracos. Ao chegar à comunidade de Gramame, encontro andando a pé os dois irmãos, que ao me verem, pularam de felicidade pedindo uma carona. Ao entrarem no meu carro perguntei a eles onde estavam suas bicicletas e Antônio relatou que o pai não os tinha deixado usar e que não sabia o motivo. Ao perguntar se eles estavam cansados, negaram veementemente, sorrindo com um pirulito na boca, apesar das carinhas suadas, os pés e mãos cheias de barro.

As crianças vivenciam um “balé nas ruas”, parafraseando Jacobs ([1961]2011) que analisa um “balé nas calçadas” ao se referir ao movimento dos moradores e não moradores pelas calçadas. Ao ocuparem-na significativamente, promovem o cuidado e a segurança de maneira coletiva. Trazendo para a realidade aqui contextualizada, diante da ausência das calçadas pela estrada da comunidade de Gramame, esse balé encenado pelas crianças se apresenta como elas narraram, por entre os buracos, poças, desvios de animais, transportes, medos, coragens e olhares dos moradores.

Trata-se de uma lição que ninguém aprende por lhe ensinarem. Aprende-se a partir da experiência de outras pessoas sem laços de parentesco ou de amizade íntima ou responsabilidade formal para com você, que assumem um pouquinho da responsabilidade pública por você [...] O ensinamento de que os moradores da cidade devem assumir responsabilidade pelo que acontece nas ruas é dado continuamente a crianças que usufruem a vida pública nas calçadas. Elas conseguem assimilá-lo surpreendentemente cedo. Mostram que o assimilaram ao reconhecer que também fazem parte desse processo. Elas dão indicações (antes de elas serem solicitadas) a pessoas que estão perdidas; advertem um sujeito de que ele levará uma multa se

estacionar o carro naquele lugar; sugerem espontaneamente ao síndico do prédio que use sal grosso em vez de talhadeira para partir o gelo. (JACOBS, [1961]2011, p. 64).

Pude acompanhar muitas situações porque as crianças confidenciam histórias ocorridas com suas famílias e com eles próprios pelas ruas do bairro, bem como as diversões e os sustos pelo trajeto. Faça chuva ou faça sol, o momento de chegada das crianças na EVOT é entoado por risadas, brincadeiras e histórias compartilhadas pelo caminho, com a qual compartilham e rememoram assuntos do bairro e de acontecimentos entre os vizinhos. As histórias de aventura e acontecimentos engraçados revelam a confusão entre o contexto urbano e rural do bairro: as subidas nas árvores para pegar goiabas, investigar o chão para colher e comer cajá, a chifrada que o colega levou do bode, o cachorro brabo que de alguém fugiu e a surpresa de um boi desgarrado que apareceu voltando para casa -, situação inesperada também vivida por mim.

Em uma manhã, as crianças e os educadores contaram que na volta para casa, algumas crianças se envolveram em uma briga que aparentemente tinha iniciado na EVOT, a partir de alguns descontentamentos em relação a uma criança. Então, no meio do caminho elas iniciaram novamente a discussão e agrediram em grupo um dos colegas, o qual foi acudido por um morador da vizinhança. As crianças continuaram a caminhada para casa, mas alguns dos moradores foram até a EVOT comunicar o ocorrido, o que resultou no dia posterior em uma grande roda na escola para que todos os educadores e as outras crianças entendessem o que aconteceu, e resolvessem que atitudes tomariam para evitar que o fato ocorresse novamente. Ação provavelmente baseada na premissa de que “saber cuidar de si e dos outros não são atributos apenas dos adultos.” (CASTRO, 2013, p. 69).

Os movimentos do cotidiano também apareciam em seus desenhos e brincadeiras, não que estas crianças não estejam conectadas e não apreciem os desenhos presentes nas mídias, mas atenta-se que vivem prazerosamente a ludicidade de suas correrias e caminhadas na criação de seus desenhos e brincadeiras de forma descompromissada, e por eles

vi como revelam o viver em Gramame. Com as pecinhas de montar, Rian (8 anos) me apresentou o lugar onde a sua mãe compra peixe. E com as bonecas de pano as meninas contaram os encontros das mulheres da vizinhança, como escolhem suas roupas, almejam comprar seus objetos de beleza e apreciam as festas na vizinhança.

Pude observar que desde as crianças menores até os adolescentes, aparecem alguns elementos em comum em suas contações que despertam a imaginação, muitas memórias e experiências alegres, e dentre as mais expressivas, destaca-se as vivências dos banhos no rio. Mesmo que, por vezes, diferenciem-se em relação às maneiras de participar destas narrativas e no entendimento de suas experiências no ambiente, o rio Gramame e outros rios aparecem nas narrativas circulando os sentidos sobre lazer e a degradação ocorrida durante os últimos anos. Sendo um diálogo efetivo com a comunidade e com o poder público pela EVOT, o rio Gramame é um dos principais direcionadores das ações na instituição, sendo um símbolo necessariamente contextualizado neste trabalho por conta de sua importância para todos que fazem parte da escola. O rio é um contexto vivido pelas crianças, não só por ser assunto evidenciado dentro da escola, mas como também fora dela nos finais de semana, como fonte de lazer para as crianças, pois é “um bem de natureza material de grande referência para a região” (TOLENTINO, 2016, p. 97). Um dos desenhos mais visualizados durante as atividades lúdicas ou de desenhos livres na grande mesa do refeitório da escola é o da ponte dos arcos que une os municípios de João Pessoa e do Conde.

Em um dos vários momentos em que presenciei o desenho da ponte, perguntei às crianças porque era comum realizarem aquela prática e com entusiasmo me relataram que a ponte é o lugar por onde eles podem ver “o rio Gramame passar”, e que um dia até fizeram um cortejo com o grupo Tambores do Tempo, caminhando da ponte até à Evot como ação do projeto “Rio Gramame quer viver em águas limpas”. De acordo com as crianças, nesta ponte o grupo da escola já foi para conversar e entender que ele é um bem presente na comunidade e que assim devem cuidar bem dele, enfatizando que o rio estava azul por conta da poluição das fábricas que se localizam às suas margens. Eles lamentaram, no entanto,

que já fazia muito tempo que não iam até lá. Contaram de maneira ensaiada e apropriada, já que eu chegara ali sem entender nada do rio, que o Gramame é muito importante por abastecer uma grande parte da capital João Pessoa, refletindo que sua preservação depende unicamente das atitudes das pessoas, e desde pequenas as crianças “devem saber disso”. Uma criança frequentadora da escola há anos, com apoio das outras crianças também interessadas em enfatizar o problema do rio, explicaram que “o rio era limpo, a gente tomava banho lá, mas de tanta sujeira das fábricas a água ficou azul”. Perguntei em seguida se ainda iam ao rio para tomar banho e brincar, Ana Parla e Paola ressaltaram que vão sim, “mas só no da santinha”, e Adrian (11 anos) complementou que “tem o rio da geladeira também”.

Certo dia, Paola (8 anos) estava muito empolgada por seu aniversário que seria no próximo final de semana, o qual teria como comemoração um banho de rio, assim ela, a sua mãe, seu irmão e sua irmã Ana Parla (todos frequentadores da EVOT) iriam levar um lanche e tomar banho no rio da Santinha, que segundo Penhinha, educadora da Evot, é o rio Jojoca que deságua no Rio Gramame. Sobre o “rio da santinha” Paola apontou o caminho a partir da EVOT para que eu pudesse também conhecê-lo, incentivando-me com muitos elogios ao descrever o trajeto que eu deveria seguir: “vai direto, desce a ladeira passa pela ponte direto, só direto, não arrudeia, tem placa, mas não vai, vai direto, tem ladeira e vai andando bem e chega. Lá toma banho no rio da santinha”.

Durante essa conversa outro elemento associado ao rio se apresentou através da brincadeira e da observação de outra criança, conforme relatei em meu diário de campo:

Rian (8 anos) escuta tudo muito observativo e diz: “Parabéns, Paola!”, Paola responde: “Faz mal dizer parabéns antes do aniversário, é pecado!”, Rian olha pega alguns objetos e as bonecas arruma tudo e convida: “Vamos brincar tia, eu sou o vendedor de camarão!”, então eu pergunto: “Onde você foi pescar esse camarão?”, Rian responde: “ Fui pescar no rio Gramame!”, continuando a brincadeira com seu papel

de vendedor olha para a boneca de Paola e diz: “Bom dia, minha fia!”, e assim começam a vivenciar a compra e venda de camarão, muito caro segundo uma das crianças, para que a boneca de Paola organizasse um jantar especial de aniversário com as outras bonecas. (DIÁRIO DE CAMPO, abril de 2017).

As questões relacionadas ao rio Gramame estão por toda parte na escola, em cartazes, nas rodas de conversa, nas músicas e reverenciado no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo idealizado e concretizado por Mestre Doci e Penhinha⁸, ao qual fui apresentada por Ana Parla. Mostrando a canoa logo na entrada do museu, ela entra e começa sua explicação apresentando todos os utensílios necessários para pescar no rio Gramame: “pega o remo assim, isso aqui é para pegar camarão, ele entra (fez uma pausa, como quem procurasse entender a armadilha vendo que tinha um buraco do outro lado), mas ele não sai não, pega tudo isso para pescar, é assim!”. Perguntei onde as pessoas pescavam com aquela canoa e ela respondeu me olhando assustada por eu ainda não saber: “no rio Gramame, ué!”, em seguida me mostra um banner onde muitas crianças pareciam conversar com os Mestres da comunidade sobre o rio, contando à sua maneira o enredo daquele momento em que todos “estavam falando que o rio era limpo e agora é sujo!”.

As crianças conhecem as histórias da comunidade e de seus familiares nas vivências com o rio. Com o trabalho da EVOT, relacionado às memórias do Vale do Gramame, podemos entender que estas histórias são vivenciadas no diálogo com os mais velhos pela comunidade e pelos educadores da instituição, como pude observar também ao visitar o museu. Desta forma, o rio e as questões relacionadas à sustentabilidade são um dos temas mais circundantes no contexto, nas ações públicas da EVOT em outras localidades e através das músicas apresentadas pelo grupo Tambores do Tempo.

Através das brincadeiras e narrativas as crianças evidenciaram as suas participações pelos caminhos e nos ambientes ocupados e recriados

⁸ Sobre como o Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo foi criado ver Tolentino (2016).

por elas; no movimento para fora do bairro as crianças aprendem sobre outros contextos e reconhecem como os ambientes se organizam, mesmo que adultocentricamente. Ferreira (2002) aponta:

[...] muitas das brincadeiras das crianças, representando suas interpretações e entendimentos daquele mundo, mostram que elas, coletivamente, ao reconstruírem conceitualmente o contexto físico, durante ou para as suas brincadeiras, e ao reconstruírem cognitivamente aspectos da vida adulta, não só aumentam o seu entendimento dela, em termos do contexto presente, como simultaneamente elas se apresentam nas suas próprias realidades sociais. (FERREIRA, 2002, p. 306).

A própria EVOT por ser uma instituição que conta com espaço arborizado com oito olhos d'água em seu terreno, se referencia como um contexto que se abre para outras leituras e sensações por entre seus espaços, que também são ocupados pelas crianças de forma curiosa e autônoma. Nela descobrem e atuam de forma coletiva na organização do ambiente, brincando através dele, colhendo frutas, colaborando com a manutenção da horta e da frondosa trilha repleta de árvores replantadas anos atrás pelos educadores e pelas crianças. Dentro da EVOT nascem cotidianamente outros caminhos em que se misturam o novo e o velho, a mata e o cimento, a tecnologia e as brincadeiras em roda e no chão.

Entre a EVOT e outros lugares que oferecem mesmo que limitadamente espaço para suas ações, evidentemente a escola formal está presente em seus trajetos como sendo um destino cotidiano de encontros e de experiências por entre as comunidades do bairro, tornando-se um espaço que une vizinhos, amigos e familiares. Nos últimos anos algumas escolas municipais, incluindo creches e unidades escolares de atendimento integral foram construídas no bairro, possuindo também algumas escolas estaduais. Os adolescentes relataram que estudam no centro ou em outros bairros distantes para os quais se deslocam em transportes coletivos sozinhos ou com colegas que estudam no mesmo lugar, mas quase a metade das crianças frequentam a escola municipal da comunidade que se

localiza na mesma rua da EVOT, algumas também caminham para outras escolas que se localizam em outras comunidades do bairro, mas que se situam em ruas próximas com recentes ocupações, inclusive irregulares.

Os movimentos referentes às andanças das crianças dentro e para fora do bairro, entre as instituições, se reconstituem como saberes compartilhados coletivamente que acabam por fazer florescer novos entendimentos sobre os ambientes e seus significados socioculturais, além de se mostrarem momentos prazerosos e divertidos para elas, gerando a curiosidade e a atenção pelo novo, pelo caminho e pelo destino; é um processo que provoca múltiplas sensações. Os ambientes que as crianças participam, mesmo tendo sido planejados e organizados por adultos como as instituições e as próprias ruas, não impedem o fato de que possam ser recriados com bases em seus desejos e imaginações:

[...], ou seja, há um processo de aprendizagem efetivado pelas crianças, mais ou menos elaborado, sobre os acontecimentos circundantes a partir de um saber compartilhado com os adultos, ou através de vestígios de informações provenientes dos mesmos adultos, ou mesmo da disposição dos objetos e da materialidade que compõe o cenário social e que servem de orientadores de suas ações. (PRETTO, 2015, p. 181).

Para ilustrar caminhos, experiências e saberes sobre o bairro, as crianças apresentaram os mapas que eles próprios criaram enquanto conversavam sobre o bairro. Suas rotinas e trajetórias foram desenhadas mediadas por enredos, explicações por onde passavam e o que vivenciam através da diversidade vivida ao longo dos ambientes. Claro que cada criança ao criar seu mapa, evidenciou o que para ela era mais relevante naquele momento de ilustração do itinerário vivido em Gramame, através de seu conhecimento regional que as levam aos seus arredores e em direção a algum lugar.

Tim Ingold (2000) refere-se ao movimento cartográfico a experiência de retratar a transformação de lugares em regiões experimentadas, onde o imaginário é a visão “panorâmica de uma consciência transcendente”.

A forma de descrever planificadamente seus caminhos em um desenho no papel emerge os movimentos retratados através de um processo de engajamento do ator-receptor com o seu ambiente onde “cada linha do mapa é um pouco o traço de um gesto, que se refaz em um movimento real no mundo.” (INGOLD, 2000, p. 233, tradução nossa).

“Os caminhos de vista/ *paths of view*” (INGOLD, 2000) das crianças em Gramame, ilustraram estas considerações realizadas até aqui, visto que cada uma à sua maneira, a partir e no coletivo, experienciaram a prática de mapear seus caminhos diante de suas memórias de partidas e de chegadas. Foi possível notar ambientes coincidentes entre os mapas, inclusive a percepção de qual movimento as crianças faziam ao longo do bairro, os movimentos que faziam na rua e que a rua os fazem trilhar, ressaltando principalmente aqueles que para elas caminhavam “sozinhas”.

A abordagem ecológica de Gibson (1979) apud Ingold (2015) explica como “*paths of view*” o movimento de traçar os itinerários a partir das características de um território, o qual é entendido em uma rede variada, complexa e ampla de ir e vir. Sendo assim, “não é visto neste momento, nem visto a partir deste ponto, pelo contrário, o que se percebe é um ambiente que envolve um que está em toda parte”¹⁰ (Gibson 1979, p.195–7 apud INGOLD, 2000, p.226, tradução nossa). E, desta forma, as crianças demonstraram compreender seus caminhos, dentre os quais destaco nos desenhos abaixo, como aqueles que expressaram os elementos naturais e sociais que mais foram enfatizados pelo grupo na atividade:

⁹ “Every line is rather the trace of a gesture, which itself retraces an actual movement in the world” (INGOLD, 2000, p. 233).

¹⁰ “Thus the environment one sees is neither ‘seen-at-this-moment’ nor ‘seen-from-this-point’. On the contrary, what one perceives is an environment that surrounds one, that is everywhere [...]” (GIBSON, 1979, p. 195–7 apud INGOLD, 2000, p.216).

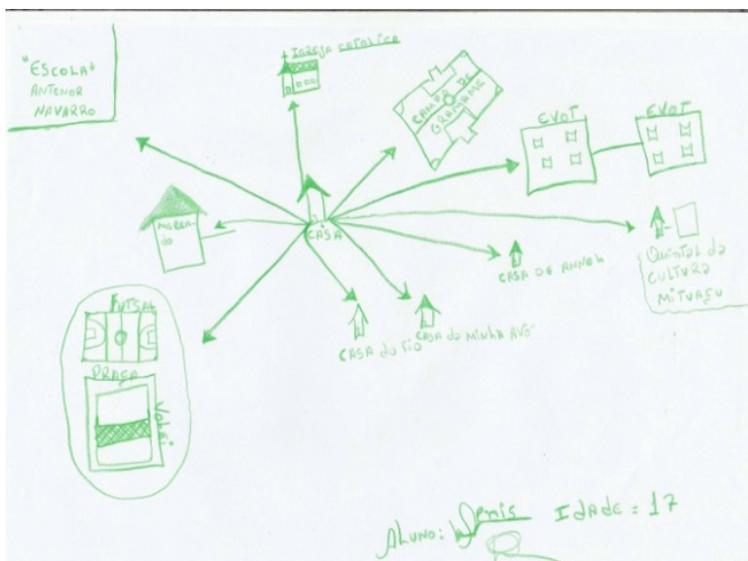


Imagem 1. Mapa desenhado por Denis. Fonte. Diários de Campo.



Imagem 2. Mapa desenhado por Adrian. Fonte. Diários de Campo.

Através das ilustrações realizadas pelas crianças, observei espaços que evidenciam-se como ambientes de participação e socialização cotidiana: as praças, os campos, as casas dos amigos e o rio apareceram em todas as produções, sempre narradas com histórias de aventuras e de convivências divertidas. Por isso, é que aparecem nas entrelinhas de seus desenhos o sentido de que possivelmente em suas caminhadas, as crianças nunca estavam tão “sozinhas”, como elas enfatizaram como sendo a condição para que suas caminhadas fossem reveladas em uma demonstração de conhecimento e autonomia pelos caminhos.

De acordo com as crianças, os adultos geralmente estavam por perto, outros sujeitos da mesma geração também eram notados, como um amigo, a irmã ou o irmão de um conhecido, até o “Seu Dedé” dono da merceria foi citado. Sem falar nos vizinhos que olhavam por cima dos muros e as pessoas que transitavam até as paradas de ônibus que atentavam às correrias e gritos entoados pelas crianças. Ou seja, contaram um lugar em constante movimentação e observação mútua. As crianças apresentaram lugares pertencentes ao contexto vivenciado no cotidiano, entendido simbolicamente como elemento fundamental para se explicar o bairro de Gramame, como as ruas, as praças, a ponte e o rio. De modo que demonstraram que quanto maior a autonomia, que por vezes parece acompanhar a idade, maior sua locomoção por entre os ambientes no bairro.

FINDANDO BREVEMENTE O TRAJETO

Pelas ruas e suas curvas, os trajetos criavam vida a partir das aventuras desbravadas pelas crianças no ir e vir pelo bairro de Gramame, entre o urbano e o rural, entre o que se transforma e o que cresce com a ação humana e não humana. Durante algumas rodas de conversa que pude presenciar, participar e conhecer uma parte do que acontecia ali através das histórias das crianças, observando seus movimentos e criações nas linhas de seus desenhos e pelas brincadeiras realizadas em meio aos brinquedos

que inventavam, emergindo assim uma realidade (re) significada, entendida e ritmada pelo grupo no período e contexto desta pesquisa.

As crianças mostraram aprender pela ação de sentirem o caminho e na liberdade de andar e de não andar por alguns deles, demonstraram-se agentes que se permitiam encontrar acontecimentos e aprender a partir da percepção multissensorial no/dos ambientes que os envolvem, podendo assim experienciar os encontros de vidas em parceria com todos e tudo que também se faziam presentes. O contexto urbano que faz parte de suas rotinas é adormecido ao entrarem nas ruas de chão batido, nas poças de lama nos dias chuvosos pessoenses, nas frutas e flores das árvores no meio do caminho e dos animais que constantemente aguçavam suas curiosidades.

Entendo diante desta interpretação coletiva florescida com as crianças, que a partir de sua possível compreensão e imaginação sobre aquilo que as circundam, é que criativamente e atentamente as crianças “perturbam” o caminho com a sua presença através de suas brincadeiras, vozes, pedaladas e corridas pelo bairro de Gramame, pois do urbano para o rural e vice-versa, traçam diálogos e aprendizagens entre os contextos, os movimentando.

Esse artigo não teria sido possível sem o acolhimento por parte das crianças e dos adultos da EVOT. Ao grupo, o nosso muito obrigada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. [1930]. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- CASTRO, Lucia Rabello de. 'A aventura da ação e a participação das crianças na cidade'. In: _____. *O futuro da infância e outros escritos*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 145-174, 2013.
- FERREIRA, Manuela. *A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!* as crianças como atores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no cotidiano de um jardim de infância. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto. Portugal, 2002.
- INGOLD, Tim. 'O Dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção'. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.
- _____. 'Repensando o animado, reanimando o pensamento'. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2013.
- _____. 'To journey along a way of life Maps, wayfinding and navigation'. In: _____. *The Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Tradução Carlos S. Mendes Rosa; Revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; Revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LIMA, Josilene Pereira. *A expansão da ocupação do Bairro de Gramame – João Pessoa – PB (1998 – 2012): uma análise a partir do uso de geotecnologias. João Pessoa*. Monografia, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, 2014.
- MACHADO, Regina. *A arte da palavra e da escuta*. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. 'Rua, símbolo e suporte da experiência urbana'. *Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana*, São Paulo, v. 1, n. 0, 2003.
- MENDONÇA, Karla Jeniffer Rodrigues de. *No tempo dos Tambores: os saberes ritmados pela infância na escola Viva Olho do Tempo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2018.
- MÜLLER, Fernanda. *Retratos da Infância na Cidade de Porto Alegre*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- MÜLLER, Fernanda; FERREIRA, Brasilmar Nunes. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. *Educação & Sociedade*, vol. 35, núm. 128, p. 659-674, julho-setembro, 2014.
- PRETTO, Zuleica. *Crianças no contexto de um bairro em processo de urbanização na ilha de Santa Catarina (2010-2014)*. Tese de Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- PROUT, Alan. 'Reconsiderando a nova sociologia da infância'. Tradução de Fatima Murad. *Cadernos de Pesquisa*, v.4, n.141, p. 729-750, set./dez. 2010.
- SOUZA, Igor Alexander Nascimento de. *Na confluência da roda: Educação Patrimonial, Diversidade Cultural e a Pedagogia Griô*. Dissertação de Mestrado Profissional, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.
- SIMMEL, Georg. 'As grandes cidades e a vida do espírito (1903)'. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005. Disponível em: http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200010&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 09/05/2017.
- _____. 'A aventura'. In: SOUZA, J.; OËLZE, B. (Orgs.). *Simmel e a Modernidade*. Brasília: UNB, 1998, p. 171-187.

TOLENTINO, Átila Bezerra. *Espaços que suscitam sonhos: Narrativas de memórias e identidades do Museu Comunitário da EVOT*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

Texto recebido em 30/01/2018 e aprovado em 23/03/2018.